

O sol na cabeça

GEOVANI MARTINS. *O sol na cabeça*. (Julho de 2019). Lisboa: Companhia das Letras. 144 pp.



O sol na cabeça, lançado no Brasil em 2018 pela Companhia das Letras, é o livro de estreia do escritor carioca Geovani Martins. A editora brasileira decidiu apostar na obra depois de ser apresentada aos textos de Geovani por Antonio Prata (escritor publicado em Portugal pela Tinta da China). Com capa flexível em cores vibrantes que remetem ao calor tropical e ao próprio título, o livro alcançou imenso sucesso: teve direitos vendidos para diversos países – como França, Alemanha e Reino Unido –, vai virar filme pelas mãos do realizador Karim Aïnouz e vendeu 50 mil cópias em solo brasileiro. Em 2019, desembarcou em Portugal, onde foi recomendado pelo Plano Nacional de Leitura (PNL 2027) para jovens de 15-18 anos e para maiores de 18.

Trata-se de um livro de contos com treze histórias unidas por um cenário comum: o Rio de Janeiro das favelas e periferias, aquela parte da “Cidade Maravilhosa” rotineiramente excluída dos cartões-postais. O tom é dado já no primeiro conto, *Rolezim*. Com uma linguagem extremamente coloquial, repleta de gírias, erros de concordância e vocábulos pouco usuais, o impacto no leitor é imediato:

Acordei tava ligado o maçarico! Sem neurose, não era nem nove da manhã e a minha caxanga parecia que tava derretendo. Não dava nem mais pra ver as infiltração na sala, tava tudo seco. Só ficou as mancha: a santa, a pistola e o dinossauro. [...]

[...] Bagulho era investir os dois conto no pão, divulgar um café e partir pra praia de barriga forrada. O que não dava era pra ficar fritando dentro de casa. Calote pra nós é lixo, tu tá ligado, o desenrolo é forte. [...]

[...] Quando nós viu já era quase de noite. Uma larica que, sem neurose, era papo de quarenta mendigo mais vinte crente. Tava na hora de meter o pé. E foi aí que rolou o caô. [...]

Como essa escolha estilística será encarada pelo leitor – original, despertando-lhe a curiosidade ou, ao contrário, incompreensível e desagradável – não sabemos. A editora parece ter apostado na primeira hipótese, pois não terá sido mero acaso a escolha deste conto para abrir o livro (ele é o mais «carregado» neste linguajar). De qualquer forma, quem prossegue na leitura e o ultrapassa depara-se com *Espiral*, uma história pujante, escrita em estilo completamente diferente e, talvez, das melhores do livro.

Abordando questões como desigualdade social, preconceito e formação identitária, *Espiral* acompanha um jovem que caminha pelas ruas da Zona Sul¹ carioca enquanto é vítima de toda a sorte de pré-julgamentos. Ao longo das páginas, somos tocados pelo drama de um menino que percebe o medo no olhar dos transeuntes e «não entende nada»:

[...] era estranho, até engraçado, porque meus amigos e eu, na nossa própria escola, não metíamos medo em ninguém. Muito pelo contrário, vivíamos fugindo dos moleques maiores, mais fortes, mais corajosos e violentos. Andando pelas ruas da Gávea, com meu uniforme escolar, me sentia um desses moleques que me intimidavam na sala de aula. Principalmente quando passava na frente do colégio particular, ou quando uma velha segurava a bolsa e atravessava a rua pra não topar comigo. Tinha vezes, naquela época, que eu gostava dessa sensação. Mas, como já disse, eu não entendia nada do que estava acontecendo.

Talvez seja difícil para não-brasileiros (ou até não-cariocas) compreenderem a força total deste conto, mas aqueles acostumados a olhar as ruas do Rio através dos vidros escurecidos do carro (no Rio, os carros têm películas escuras nas janelas, não apenas pelo calor, mas pelos assaltos), ou das grades que protegem as casas e prédios² talvez se sejam levados a refletir sobre quantas

¹ Zona mais rica da cidade, onde ficam os bairros turísticos como Copacabana, Ipanema e Leblon.

² Leitores que não conheçam o Rio poderão estranhar as referências de Geovani ao “caminho das grades”. É que as calçadas da cidade são ocupadas por grades que isolam e “protegem” os prédios. Como diz uma conhecida música brasileira, *As grades do condomínio são pra trazer proteção / Mas também trazem a dúvida se é você que tá nessa prisão* (Minha alma, O Rappa).

vezes encarnaram os odiáveis personagens que prejudgam o protagonista de *Espiral*. Neste sentido, o conto gera mais do que reflexões: provoca mal-estar, algo como não gostar do que vê quando nos olhamos ao espelho.

Neste mesmo conto, Geovani lança luz sobre o abismo social, deixando claro que a percepção da desigualdade pode ser ainda mais dura do que a própria pobreza:

[...] O que pouco se fala é que, diferente das outras favelas, o abismo que marca a fronteira entre o morro e o asfalto na Zona Sul é muito mais profundo. É foda sair do beco, dividindo com canos e mais canos o espaço da escada, atravessar as valas abertas, encarar os olhares dos ratos, desviar a cabeça dos fios de energia elétrica, ver seus amigos de infância portando armas de guerra, pra depois de quinze minutos estar de frente pra um condomínio, com plantas ornamentais enfeitando o caminho das grades, e então assistir adolescentes fazendo aulas particulares de tênis. É tudo muito próximo e muito distante.

As crianças não foram excluídas das narrativas de Geovani. Em *Roleta russa*, assistimos angustiados enquanto Paulo, de dez anos, brinca com uma arma. Na casa onde cria sozinho o filho, seria impossível ao pai, que trabalha como segurança, esconder o revólver: o espaço que os dois dividem se limita a um quarto com casa de banho. A cena em que o menino passa o revólver pelo corpo é a representação perfeita da banalização da violência à qual milhares de crianças estão expostas no Brasil:

Paulo carregou e descarregou diversas vezes o revólver, fingindo que treinava pra guerra. Quando já não aguentava mais tanta espera, pressionou o bico gelado do ferro contra o próprio peito, depois foi descendo até chegar no umbigo, então imaginou como seria levar um tiro bem ali, e imaginar a bala perfurando sua carne fez com que contraísse todo o estômago. Seguiu descendo com a arma até chegar no pau, começou a fazer movimentos circulares, curtindo a sensação de quente e frio provocada pelo encontro, mas, quando notou que endurecia o membro, corou de vergonha e tirou com pressa o trinta e oito das calças. Por fim, voltou a carregá-lo, enquanto cantava o tema de encerramento do desenho junto com a televisão.

A insegurança e a vulnerabilidade infantis são novamente abordadas no sensibílimo conto *O caso da borboleta*, em que um menino de nove anos olha uma borboleta enquanto reflete, à sua maneira, sobre os perigos de crescer e

virar adulto. Em *Primeiro dia*, é a vez dos adolescentes enfrentarem seus desafios – alguns dos quais refletem as dificuldades de crescer em um país que ainda luta para ver a educação valorizada:

Ter um estojo, sentar na frente, responder as perguntas do professor, são péssimas ideias pra quem pretende ser respeitado na escola.

É digna de nota a segurança e a mestria com que Geovani passeia entre vozes narrativas de diferentes idades, todas verossímeis e adequadas.

A história do Periquito e do Macaco trata da violência nos morros (perpetrada tanto pela polícia como pelo narcotráfico), de crianças vendendo drogas e da normalização desse absurdo:

Quando a UPP³ invadiu o morro, era foda pra comprar bagulho. Maior escaaldação; ninguém queria botar a cara pra vender, só tinha criança trabalhando de vapor. Uns moleque de oito, nove anos. Tinha vez que sentia até pena de ver as criança naquela situação, mas o papo é que a gente se acostuma com cada bagulho sinistro, que pena é coisa que dá e passa rápido; geral continuou comprando droga.

A pichação – transgressão social ligada à palavra e à escrita que pode parecer a única forma de reconhecimento, visibilidade, pertencimento, expressão e apropriação dos espaços públicos disponível para alguns adolescentes marginalizados – aparece em *Rabiscos*, quando acompanhamos os conflitos internos de um jovem que tenta abandonar a prática:

Desde que nasceu Raul, seu filho, Fernando fez de tudo pra mudar o rumo. Parada difícil, lutar contra os instintos. Não queria mais querer pegar aquele topo em tal lugar, nem ser reconhecido como Maluco Disposição nas réus ou ser chamado pra assinar por aquela sigla que é relíquia. Queria mesmo se preocupar com a cria, em se manter vivo, presente. Mas pra isso, ele sempre soube, precisava deixar o xarpi de lado, deixar morrer o personagem que ergueu com cara e coragem. Ou então, no mínimo, se arriscar menos, pegar as paradas no baixo, fazer um rolé mais tranquilo. O que, no fim das contas, significa uma morte muito pior.

Além das drogas, presentes em diversos contos – Geovani costuma dizer em entrevistas que, na periferia, a maconha supre uma falta social –, as histórias

³ Sigla para Unidade de Polícia Pacificadora.

também falam de solidariedade, luta, sobrevivência, amizade e respeito às diferenças (vide o tocante conto *O mistério da Vila*).

Relevando-se um certo exagero das críticas que alardeiam Geovani como «a voz do novo realismo brasileiro» e entendendo-as dentro do contexto do forte marketing que acompanhou o livro, *O Sol na cabeça* é um livro competente, com boas histórias que retratam bem uma cidade mais próxima da «Cidade Partida» de Zuenir Ventura do que da «Cidade Maravilhosa» das agências turísticas. O estilo linguístico escolhido pelo autor – que ensejou a inclusão de um glossário na edição portuguesa – embora às vezes roube protagonismo ao conteúdo, reflete o jeito de se comunicar de grande parte da sociedade brasileira – e isso é relevante. Como Geovani revelou em entrevista a Ana Bárbara Pedrosa,⁴ essa linguagem ajudou a conquistar um grupo de leitores que se identificou com aquelas palavras, e que não costuma se ver refletido em obras literárias. O próprio autor, Geovani Martins, nascido em 1991, começou a escrever incentivado pelas oficinas literárias da Festa Literária das Periferias (FLUP), projeto dedicado a inserir, na literatura, territórios e personagens do Rio de Janeiro tradicionalmente excluídos deste circuito, como as favelas e seus moradores. Para o escritor, a iniciativa, nascida em 2012, revolucionou e democratizou o mercado editorial brasileiro porque não apenas revelou novos escritores, jornalistas e roteiristas, mas formou novos leitores.

Neste sentido, o sucesso de *O sol na cabeça* pode ser celebrado como a merecida legitimação social de vozes que têm muito a dizer, mas dificilmente encontram espaço em um mercado editorial avesso a novos autores.

Concluindo, *O sol na cabeça* não é um livro leve, para nos distrairmos dos infortúnios da vida; pelo contrário, a literatura de Geovani incomoda, tira o leitor da sua zona de conforto e o sacode – quando não o soca no estômago. Que bom.

*Juliana Garbayo**

⁴ URL: <https://www.esquerda.net/artigo/geovani-martins-um-mosaico-possivel-do-rio-de-janeiro/63909>.

* Psiquiatra pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/IPUB) e Mestre em Estudos Editoriais pela Universidade de Aveiro. Mediadora do «Leia Mulheres Porto» (URL: <https://leiamulheres.com.br/>).

